

O espectro do hooliganismo nos estádios britânicos II: um diário de campo

The spectrum of hooliganism in the British stadiums II: a work field diary

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Escola de Ciências Sociais, FGV-CPDOC, Rio de Janeiro/RJ, Brasil

Doutor em História Social da Cultura, PUC-Rio

bernardo.hollanda@fgv.br

RESUMO: O manuscrito evoca uma experiência de pesquisa pós-doutoral vivenciada no segundo semestre de 2018, na Universidade de Birmingham. Procura-se contextualizar o cenário de transformações de três décadas no futebol inglês que, por meio da *Premier League*, em certo sentido revolucionou a prática e a assistência do espetáculo futebolístico no país e, por extensão, em partes significativas da Europa e do mundo. O pano de fundo das mudanças é cotejado com uma vivência *in loco* nos estádios e arenas não só na Inglaterra, mas também na Grã-Bretanha e no Reino Unido. As observações experienciadas permitem assim relatar as diversas etapas de pesquisa e recorrer ao diário de campo durante esse período, a fim de compartilhar mais amiúde as impressões do que se viu, ouviu e viveu. A sugestão contida no texto argumenta que, a despeito do exitoso processo gentrificador de dominação e controle no interior das arenas, a dinâmica torcedora não impede por completo o espectro do hooliganismo, princípio antidesportivo e contra-civilizador que paira sempre como potencial danoso na administração de rivalidades clubísticas em nível local e regional, em âmbito nacional e internacional.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol britânico; Estadios e arenas; Hooliganismo.

ABSTRACT: The manuscript evokes an experience of a postdoctoral research, lived during the second semester of 2018, at the University of Birmingham. It seeks to contextualize the scenario of changings in the last three decades in the English football that, through the Premier League model, in a certain way revolutionized the practice and the assistance of the football spectacle in the country and, by extension, in prominent parts of Europe and the world. The backstage of the transformations is compared with personal experiences inside the stadiums and arenas, not only in England, but also in Great-Britain and United Kingdom. The observations experienced allow to reconstitute the steps of the investigation and report the work field diary during this period, in order to share with more details, the memories of what was seen, heard and lived. The suggestion included in this paper argues that, contrary to the well succeeded gentrification process of domination and control inside the arenas, the fandom dynamics do not avoid in a whole sense the spectrum of hooliganism, what means an anti-sports and anti-civilization phenomena that remains always as a dammed potential in the management of club rivalries in local and regional level, as well as in national and international sphere.

KEYWORDS: British football; Stadiums and arenas; Hooliganism.

INTRODUÇÃO¹

Em continuidade à primeira parte do texto,² em que apresentamos um balanço geral da pesquisa sobre as transformações implementadas no futebol inglês e britânico, o relato a seguir reporta os apontamentos feitos em meu diário de campo. Trago, portanto, descrições cruas do visto, vivido e ouvido. Optei por manter a narrativa em primeira pessoa, sem filtros a posteriori, já transcorridos anos do manuscrito redigido em primeira mão. Advirto ainda que se trata de um “diário” em sentido livre, sem o rigor de uma metodologia de trabalho de campo sistemática, lastreada por critérios mais estritos da etnografia e da antropologia.

1º de agosto de 2018

Estádio Edgbaston.

Cidade de Birmingham

Partida de críquete

Impressiona a movimentação e o número de pessoas que afluem ao críquete. Pudera, Birmingham é a cidade dos imigrantes indianos e paquistaneses, conhecidos pelo apreço a essa modalidade desportiva, praticamente inexistente no Brasil. O estádio parecia dividido meio a meio entre os adeptos ingleses e os seguidores da Índia. Estes últimos portam bandeiras, tingem suas caras de laranja-branco-e-verde e adornam-se com algum tipo de identificação ou apetrecho nacional. A arena encontra-se cheia, mas não lotada. A impressão geral é de que não há um código único de vestimenta: há pessoas trajadas formalmente e outras com bermuda, bem à vontade, em meio a um sol escaldante do verão inglês.

Na entrada, veem-se filas grandes, serpenteadas com grades que condicionam os zigue-zagues dos torcedores. Vários transeuntes fazem o vai-e-vem no entorno até chegar na revista e na apresentação do ingresso. O ambiente matutino – o jogo começa às 11h e vai até tarde adentro – é calmo e familiar, à semelhança do sol

¹ O autor agradece aos dois pareceristas anônimos, pela leitura cuidadosa, pelas observações construtivas e pelas correções redacionais identificadas no texto. Agradeço também à diligência habitual da editoria da revista *FuLiA/UFMG*. Este texto foi possível graças aos auspícios da Ernest Rutherford Fellowship, com a concessão da bolsa pós doutoral, durante supervisão da historiadora inglesa Courtney Campbell (University of Birmingham).

² Conf.: “O espectro do hooliganismo nos estádios britânicos: uma experiência de pesquisa”, *FuLiA/UFMG*, v. 10, n. 1, 2025.

diáfano e radiosso. Percebo a olho nu que há mais homens que mulheres. A cobertura de mídia demonstra a importância da partida. Vende-se o programa do jogo, uma espécie de encarte, parecido com o existente no pórtico dos teatros, pelo valor de seis libras. Há ainda algo inusitado para mim: a venda de um audioguia para ouvir comentários das transmissões das tribunas. Este aparelho é cobrado a quinze libras, à maneira da visitação de museus.

O ingresso eu comprara de antemão, na loja do estádio e custara 29 libras, sendo o mais barato na faixa de preços disponíveis. Percebo muitas opções de comida nas dependências da arena. No entanto, ao invés de despeser o dinheiro com alimentação, verifico um expressivo número de espectadores com sacolas de mantimentos e carregamentos de comida para se abastecer enquanto se assiste à partida. No vão intermediário entre o campo e a entrada, encontram-se inúmeras portas de acesso. Ultrapassada uma dessas divisórias, acede-se às arquibancadas. Assim como eu, há diversas pessoas à procura de seus assentos, num jogo cruzado de linhas verticais e horizontais que imiscuem letras, números e fileiras.

O jogo transcorre no centro do campo. Para mim é difícil, se não impossível, entender as regras apenas por meio da observação sensorial (mormente a visual e auditiva). O jogo começa às 11h pontualmente, mas ante a incompreensão incontornável, não fico até o fim da longa jornada. Quando saí, uma goleada, por assim dizer, marcava 49 a 1 em favor da Inglaterra. Digo goleada, pois não dá para “sacar”, ali dentro, o que isso representava, pois a pontuação do críquete a meus olhos continuava uma incógnita. O mais curioso: as pessoas não parecem tão preocupadas com o placar, mas aplaudiam a cada rebatimento de bola, cuja lógica continua incognoscível para mim.

Diferente do futebol, não parece haver um grande clímax na pontuação, nem a espera catártica do êxtase de um gol, o que me soa estranho. Ademais, a ausência de élan, pelo que fisgo, deve-se à jornada de confrontos, que apenas começara ali, mas ainda levaria cinco dias para terminar. Ou seja, muita bola ainda ia rolar por dias a fio, sem razão para maiores despendimentos de energia.

Os lances transcorrem sem grandes sobressaltos, enquanto assistentes entram e saem para comprar bebidas e comidas. O que se perde pode ser revisto nos replays no telão. O estádio é circular e vazado acima, não há cobertura tampouco algum tipo de toldo retrátil para o caso de chuva. A disposição oval esparrama-se em camadas

pouco verticalizadas. Em apenas uma parte do estádio existem dois andares de arquibancada. Há arquibancada com cadeiras numeradas, organizadas por letras, blocos e assentos, a tríade-chave para a localização nos esportes de espetáculo. Atrás das cadeiras, mais elevados, parecem estar os VIPs: nela, assistem bebem e conversam, fazem sua social, pouco interessadas na partida...

Os torcedores levam um placar de papel como sinalizadores, de cor verde, e que parece ter sido entregue pelo patrocinador do evento. Está escrito 4 e 6. Em alguns momentos, como forma de comemoração, as pessoas levantam os adereços e balançam-nos, sacolejam felizes sem razão plausível a um estrangeiro.

02 de agosto de 2018
Cidade de Leicester
Encontro com John Williams e John Sly

Encontro com o professor John Williams em sua sala universitária, na Bankfield House, 132 New Walk. Uma hora de conversa nas dependências da universidade homônima da cidade. A rua New Walk é muito charmosa, arborizada. Fica perto da estação, por sua vez também com uma fachada bonita, lembrando os trens à moda antiga. John é atencioso, dando-me praticamente uma aula. Puxa pela memória seu contato com latino-americanos e lembra-se do brasileiro Marcos Alvito, que o visitara em 2009, e do mexicano Fernando Trejo, que o conhecera no doutorado por intermédio de seu orientador francês, o amigo sociólogo Patrick Mignon.

Conquanto solícito, parecia preocupado com o horário e interessado em me passar, por assim dizer, para o orientando. Mas a conversa se distende após sua “preleção”. Jogo um “verde” e falo no suposto círculo virtuoso (ou vicioso) inaugurado a partir da *Premier League*. Concorda com a combinação engendrada pela Liga: preços elevados, política mais rígida de punição e novas infraestruturas arquitetônicas para estádios.

Puxo outro assunto – os estudos acadêmicos em esporte – e ele alude à má reputação intelectual do futebol no país até o lançamento do livro de Nick Hornby, “Fever pitch”. Considera que a partir daí começou-se a dar algum valor às memórias de torcedores no mercado editorial.

Fala da dificuldade de ir a um jogo, com mecanismos de controle, acesso restrito a ingressos e sistemas de pontuação complexos. Mas não considera o hooliganismo totalmente controlado. Diz que em Leicester, por exemplo, ainda há casos, afastados, mas há. Nem na Premier League os tais hooligans evadiram-se de todo. Comenta sobre a persistência de algumas rivalidades regionais/lokais, como West Ham x Millwall ou Man U *versus* Liverpool. Reconhece a relativa frieza dos estádios e diz o quanto os torcedores ultras franceses do Olympique de Marseille, numa partida na Inglaterra, impressionaram pelo ânimo, pelo fervor e pelos cânticos nas tribunas.

Ao juízo do sociólogo, partidas fora de casa ainda motivam os torcedores ingleses, dão-lhes alguma adrenalina. Houve mudança do perfil de público, mas não equipara de modo algum o novo torcedor a um espectador de teatro. Aquele continua engajado e fervoroso por seu clube. Recomendou-me algumas leituras. Falou mais, não parecia querer muito ouvir.

Na sequência, passado o bastão, encontro com o pesquisador Jonathan Sly. Fomos tomar um café nas proximidades e sentamos na parte externa, que já se encontrava bem encalorada. Sly estava então na metade do doutorado, é oriundo da cidade de Tamworth (condado de Staffordshire) e estuda torcedores “turbulentos” do Birmingham FC. Mostrou-me um mapa de banimento de torcedores na cidade de B’ham (contração de Birmingham na linguagem oral).

Comentou a dinâmica de reunião de torcedores e, em contrapartida, tratou da tática de vigilância da polícia nos arredores, seguindo a lógica de que os encontros são cada vez mais distantes. Falou de *pubs* no subsolo onde a “coisa”, isto é, a briga, acontece. Sugeriu me apresentar a alguns hooligans em dias de jogos. Quanto às referências bibliográficas, não acrescentou muito ao que eu já conhecia.

Cabeça raspada, parece ser um jovem que chegou ao tema pela experiência e participação de um ex-torcedor. Abordou muito a reputação dos poloneses e tratou da cena atual do hooliganismo via comunicação por redes sociais. Em trabalho de campo, foi à Copa do Mundo de 2018, na Rússia, seguindo os passos do orientador, John Williams, que fizera etnografia com os *hooligans* no Mundial da Espanha, em 1982. No final, caminhando pelo campus, ainda me apresentou a um professor brasileiro. Disse ser o único inglês entre os doutorandos, uma mostra da internacionalização multicultural da universidade e da pós-graduação em Leicester.

À saída, antes de regressar à estação de trem, visito o estádio do Leicester (o King Power) e vagueio pelo espaço museológico Newarke Houses Museum.

04 de agosto

Cidade de Wolverhampton

Wolverhampton X Villareall

Fui de metrô de B'ham para Wolverhampton. Cerca de 50 minutos. Antes da partida, já ao chegar no centro de Birmingham para tomar o transporte na respectiva estação, impressionou-me muito o clima de outro jogo concorrente na cidade. Aos poucos me dei conta de que duas partidas aconteciam no mesmo dia. Com o início da segunda divisão, torcedores do B'ham FC e do West Bromwich Albion – rebaixado da Premier League na última temporada – movimentam-se nas ruas, andam, agrupam-se para seu primeiro confronto. De fato, a alegria daquele sábado na cidade estava diferente dos fins de semana anteriores, para a qual colaborou a manhã e a tarde ensolaradas. Senti estar em um país pungente, que de fato aprecia esportes em geral, e o futebol em particular. No *tramway*, acresceram-se torcedores mais um clube, o Wolves – Wolverhampton –, com sua camisa amarelo-dourada e preto, encimado pelo símbolo do lobo, ícone totêmico da urbe.

Como o time subiu para a primeira divisão, os torcedores pareciam ainda mais animados. A cidade é relativamente pequena, sem uma grande atração turística aparente. Contudo, antes de ir para o estádio, visitei a Galeria de Arte, bonita, embora não *top*. Por coincidência, a galeria trazia uma exposição sobre a história do clube homônimo da cidade, com uma exposição sobre a conquista da temporada 2017/18 e a lembrança fotográfica do título nos anos 1950. Fotos mostravam a comoção urbana e demográfica com as vitórias do time. Em seguida, feito o *sightseeing* improvisado, caminhei a pé até o estádio, não longe do centro da cidade.

Tratava-se de um amistoso contra o Villareal, da Espanha, preparatório para a Premier League. O Wolves ganhou de virada, por 2 a 1. Assisti apenas até o primeiro tempo, pois achei que já tinha observado o suficiente e tencionava acompanhar o retorno das torcidas dos demais times ao centro de B'ham. A chegada ao estádio foi animadora. Clima tranquilo, as pessoas em procissão a caminho, uma fila para comprar o “programa do jogo”, uma tradição inglesa no futebol, que segue um princípio

das “artes de espetáculo”, como o teatro. Embora não em número excessivo, havia vendedores ambulantes de bugigangas, por assim dizer. Além de “carros” com capotas abertas para a venda de comidas e bebidas.

Seguindo a tradição arquitetônica, o estádio quadrangular é dividido em comprimidas tribunas. A entrada foi fácil e tranquila. Um segurança me revistou e vasculhou minha mochila, mas pude entrar com tudo que portava, inclusive garrafa de água. Mal comparando, a catraca por que se passa, também tradicional do futebol britânico, lembra as dos trens do subúrbio do Rio: são giratórias e com grades vazadas. Um leitor ótico identificou meu bilhete na transposição da catraca seguinte. Dentro da tribuna, situada atrás do gol, há dois andares, mas que compõem uma única arquibancada numerada, por números e letras em ordem alfabética, conforme a praxe.

Antes de chegar aos assentos, há os corredores, espécie de vestíbulo, com os banheiros e as lanchonetes, além das áreas descobertas, para se fumar e beber. Havia bebidas alcóolicas, além dos *snacks* industrializados, dos sanduíches plastificados e até dos doces, como barras de chocolate. O espaço interno não é muito grande, mas pareceu funcionar bem para aquele jogo. Pergunto-me como seria em um jogo lotado, com capacidade máxima, uma vez que não as dependências chegam a ser muito espaçosas. Muitas pessoas ficavam por ali, comendo e conversando, com a descontração típica de um amistoso de pré-temporada. O ambiente soava bem familiar, com mulheres e crianças em quantidade maior do que estou acostumado a ver no Brasil.

Nas arquibancadas, cadeiras numeradas, com relativo respeito aos lugares. Parte do público assiste em pé, outra parte, mais à frente e mais nas laterais, permanece sentada. Fiquei no setor mais ativo do estádio. Um grupo, em coro, no centro da arquibancada, tentava puxar o grito durante o jogo. Não consegui identificar quem eram, nem quantos. Como no primeiro tempo o time da casa perdia, o apoio foi rarefeito, uma mornidão para os meus padrões de exigência. Antes do jogo, atletas treinavam no gramado, sob o embalo de uma música pop, alternada com rock, e sob o comando de um locutor, espécie de animador de auditório. Os espectadores aplaudem os chutes e ovacionam as defesas dos jogadores durante o aquecimento. Não há apupos para os rivais, quando adentram o gramado, haja vista a ausência de rivalidade prévia com a equipe espanhola.

Um grupo de cinco aseis pessoas, aparentemente contratadas ou vinculadas ao clube, balançava as bandeiras na linha do campo, de forma o mais das vezes burocrática e enfadonha. No momento de entrada dos jogadores, o comando do narrador fez com que ouvisse o único brado mais forte da torcida, unido por seu ritmo, com palmas cadenciadas. Nenhuma faixa de torcida ao redor do campo, que seguia o critério de inexistência de alambrado, que permite invasões, mas impede esmagamento com superlotações, como em Hillsborough. Havia ao menos um jogador de Portugal, pois foi uma bandeira que identifiquei mais de uma vez dispersa no público, em saudação à nacionalidade de um atleta do clube. Dois mascotes infantilizados, na verdade um homem e uma mulher, circulavam dentro de campo e nas arquibancadas.

Estádio no estilo inglês, com tijolos e fachada de concreto colorida com as cores do time. As tribunas são nomeadas para fazer as vezes de lugar de memória. Um ex-presidente do clube, Sir Jack, é reverenciado. Dizeres – “We are the Wolves” e “This is our love and it knows no division” – reforçam o orgulho identitário e sugerem que não é um clube tradicionalmente de 1^a divisão, sem que isso mitigue o apoio.

08 de agosto de 2018 **Campus da Universidade de Birmingham**

Tenho de relatar um ocorrido curioso que me chamou a atenção nesse dia. Um rapaz da manutenção de computadores esteve na sala de Courtney Campbell, minha supervisora, onde fiquei instalado durante a estada, devido à sua ausência para licença maternidade. De início, o técnico chega até a levar um susto quando me vê, pois não esperava gente na sala. Depois de uma breve apresentação e troca de formalidades, em que percebo a dificuldade de entender o carregado inglês dele, ele avista um livro na minha pilha de empréstimos da biblioteca intitulado “Hooligans”. Parece ao mesmo tempo surpreso e interessado com a palavra estampada no título.

Comenta e fala coisas, mas não entendo ao certo, pela velocidade elocutória e pelo inglês acentuado e cifrado. Pela empolgação com que fala do tema, dá, no entanto, para entender que é, ou foi, um frequentador de estádios. Depois de comentar a má reputação dos torcedores do Millwall – movidos pelos slogans cantados “no

ones likes us, but we don't care" e "we hate humans" –, comenta uma partida que foi assistir e na qual não conseguiu entrar no estádio – parecia ser da torcida visitante, mas não identifico qual é sua equipe do coração – e descreve uma "chuva" de pedras arremessadas sobre seu grupo. Depois de nos despedirmos, nunca mais o vi pelo *campus*. Tratou-se de uma curiosa e sugestiva coincidência a identificação dele com o assunto e os estratos sociais vinculados ao assunto. Eis uma conversa inesperada, puxada de forma espontânea, cujas circunstâncias profissionais cedem lugar para bater papo, sendo o futebol mais uma vez uma linguagem mediadora e niveladora entre profissões e pessoas.

11 de agosto de 2018
Estádio do Villa Park
Cidade de Birmingham
Aston Villa 3 x 2 Wigan Athletic

Fui assistir à partida do tradicional time birghamiano do Aston Villa contra o desconhecido, para mim, Wigan. Jogo animado e emocionante, com um gol decisivo nos acréscimos e bastante vibração da torcida. Início de temporada deve explicar também a animação. Mais que no jogo do Wolves, um amistoso, senti uma vibração efervescente e uma mobilização contagiante nas tribunas.

O estádio impacta já na chegada. Remonta ao início do século XX. É um charme à distância, com seus tijolinhos vermelhos e o nome do clube escrito com letreiros em dourado. Nada menos que 34 mil torcedores presentes. A entrada do setor North Stand Upper, como os outros blocos, é ainda à moda antiga, tem corredores estreitos e enfileirados, onde só se pode entrar individualmente, um a um. Por dentro, o modelo geométrico inglês de quatro tribunas, divididas em partes segmentares inferiores e superiores, todos com assentos numerados, embora nessa partida tenha sido possível ver que há partes significativas com pessoas em pé e não me pareceu haver tanto respeito aos lugares.

Na ida para o estádio, achei o centro de B'ham relativamente chocho, sem a movimentação do sábado passado, quando identifiquei muitas camisas do West Bromwich e do B'ham FC. Mas, pouco a pouco, vislumbrei as camisas e os torcedores do AVFC. À espera do trem, a observação se confirmou. Além de um jogo emocionante,

o que mais me chamou a atenção foram os torcedores visitantes, que em princípio não havia percebido. Ficaram na parte de baixo da arquibancada, com o respectivo setor superior fechado e vazio, apenas com alguns funcionários do clube. Os torcedores do Wigan incentivaram bastante seu clube, pareciam muito mobilizados. O contingente era constituído em sua maioria por homens, mas foi possível identificar mulheres também.

Sem conhecer o histórico de rivalidades, observei que a provocação gestual e musical deu a tônica da relação entre torcedores locais e visitantes ao longo do jogo. Gestos e manifestações voltadas ao adversário em boa parte do tempo de jogo. As comemorações dos gols são o momento mais propício para isso, uma vez que o silêncio alheio ajuda e dá moral nos cânticos adversários, jocosos e provocativos. Ali deu para sentir uma “pegada” mais enérgica de clubismo. O número de *stwards* e de policiais, trajados em amarelo e laranja chamativos, saltava aos olhos, com o padrão de distribuição equilibrada de seus contingentes nas linhas divisórias de entrada e saída, e nas escadas de acesso às cadeiras.

A comemoração de cada um dos cinco gols presenciados em 90 minutos levava a algum excesso, como subir nas grades, comemorar num grau a mais e manifestar-se mais efusiva e enfaticamente. Um aglomerado se formava e os seguranças tinham de agir para conter a manifestação um tanto transbordante. Em duas ocasiões, deu para notar torcedores detidos e levados à força para fora da arquibancada, impedidos de continuar a ver a partida. Não dá para saber o que aconteceu depois, mas pode-se imaginar...

Na saída, causou espécie um dado salientado por John Williams: os torcedores do Wigan saíram juntos com os do Aston, sem que precisassem esperar a evacuação da torcida mandante. Pela temperatura do jogo e das provocações, imaginei em princípio certa temeridade com o procedimento, mas o que vi ao final pareceu tranquilo, embora impressione o vulto caótico e ruidoso de pessoas no vai-e-vem. Conforme Williams, com o que já tinha observado, escoltar e agrupar é pior, pois fortalece a coesão interna do grupo e do clubismo, gerando a tal “segmentação ordenada” de que falava Eric Dunning.

No caminho de volta da partida, percebo que há duas estações de trem para o retorno do bairro de Aston à cidade: Witton e Aston. Leva cerca de sete minutos.

Escolhi Aston para retornar, apesar de ser mais longe, pois foi minha rota na ida e imaginei que, pela maior proximidade do estádio, Witton estaria sobre carregada de torcedores retornantes. A fila em Aston estava bem grande, mas não tive de esperar tanto quanto imaginei à primeira vista. Em verdade, reinava um clima bem ordeiro e cordato para o retorno.

Um público de modo geral tranquilo, em meio a certa diversidade geracional, com maioria de jovens homens, como sói acontecer no público futebolístico. Encontrei alguns grupos de jovens e de adolescentes. Na arquibancada, torcedores negros, talvez em maior número que em Wolverhampton. Como em todos os estádios, um locutor preenche o tempo de espera com suas claquetes forçadas. No intervalo, anúncios nos telões (32 Red e Luke) e entretenimento em campo (chutes em gol e gincanas assemelhadas).

Pot-pourri de minhas anotações soltas: Som de rock. A música parece um modo sorrateiro de abafar os gritos e as vaias. Questão de fundo: como lidar com o tempo de espera (antes e durante o espetáculo)? Exclamações da torcida: “oh!”. Nos alambrados, além da propaganda, frases e expressões edificantes: “Part of the proud”. Crianças acompanhadas dos pais não prestavam atenção na partida. Ao bel-prazer, comiam e mexiam no tablet. Códigos da numeração cifrados: *Entrance T, Area T3, Row BB e Seat 69.*

O preço parece acessível para a segunda divisão: 25 euros. Trinity Road, tribuna Holt End. Destacam-se as bandeiras que tremulam no topo do estádio: Grã-Bretanha e Aston Villas, mas especialmente as do Egito, da China e dos EUA. Suponho que sejam os acionários. Autofalante durante o jogo relata que B’ham FC está perdendo, o que gera, ato contínuo, aplausos, comemorações e alegria com a malsina alheia. Estádio cheio, mas não lotado. Não parece o ideal em termos de evacuação do estádio e prevenção à superlotação. Polícia parece à primeira vista educada e não-agressiva, o que não deixa de causar espanto. No rumo do estádio veem-se bandeiras, não muitas, dependuradas no alambrado.

18 de agosto de 2018

País de Gales

Cardiff FC 0 – 0 Newcastle

Cardiff City Stadium

No centro da capital galesa, em frente ao castelo principal, diviso carros de polícia. Quase confundo o horário do jogo e por um triz não perco a partida: começava às 12h30, horário menos frio do dia, ao invés de 15h. O movimento é crescente, vejo torcedores visitantes com camisa do Newcastle circulando na rua. Impressiona-me, pois é uma cidade distante. Aliás, em certo sentido, é outro país... Por seu turno, os torcedores do Cardiff FC portam cachecóis em cor azul, com a indicação do Blue Birds. Não obstante, o rúgbi na cidade e no país faz-se tão ou mais importante que o futebol. O estádio de rúgbi fica encravado no centro da cidade, ao contrário do time de futebol, bem mais afastado, dir-se-ia na periferia. O estádio “Principality”, destinado ao rúgbi, tem o destaque circense de uma atração turística. E o críquete também tem sua importância. De todo modo, o futebol carrega sua relevância, pois a atendente do Hotel Hilton, onde estou hospedado, sabe que haverá jogo e comenta comigo do fim de semana futebolístico.

O dia é nublado, aparenta muito frio na rua, para um brasileiro ao menos. A caminho do estádio, entrevejo duas barracas com venda de produtos do clube. Em um deles, fala-se do orgulho do clube em estar na Premier League, após anos relegado às divisões inferiores. No estádio, no momento da execução do hino nacional, todos se levantam e batem palmas. Há setor visitante e ele é numeroso. Para adentrar, um *steward* apenas checa o ingresso e a destinação correta. O clima vigente é de tranquilidade, até a entrada dos times em campo, momento de êxtase. Mascotes – via de regra zoomórficos – circulam e se balançam mimeticamente no gramado.

No setor atrás do gol, fica-se em pé, mas não quase não consigo ouvi-los: a onipresença é do locutor, cuja loquacidade ofusca o som das torcidas antes do jogo, no intervalo e após a partida. Uma associação de torcedores do Cardiff tem sala nas dependências do clube. Nas arquibancadas traseiras, postam-se instrumentos musicais, que ficam na parte mais alta, num setor em separado. Três ou quatro torcedores organizados ditam o ritmo da percussão durante os noventa minutos. Os visitantes estão todos em pé. Durante a partida, um *steward* impede bandeira da Inglaterra

dependurada no setor de saída do estádio. O argumento aparente, do que se depreende, consiste na visibilidade da sinalização indicativa de evacuação.

Quanto ao repertório musical, algumas melodias lembram as demais torcidas europeias, outras parecem próprias do país. O 'hit' latino "Guantanamera" é uma das paródias mais ouvidas. À saída, no invólucro da arena, divisam-se anúncios de patrocinadores da Malásia, das Filipinas e até do Vietnã, de onde parece ser a origem de um dos *sponsors*, ao lado da marca de calçados alemã Adidas. Por fim, na caminhada de volta ao centro da cidade, encontram-se nas placas de sinalização das ruas alguns adesivos em referência à luta contra o fascismo, por parte de um grupo à esquerda da torcida do Cardiff.

21 de agosto de 2018
Cidade de Birmingham

Reportagem com destaque da BBC de Londres sobre mais uma etapa do histórico processo de julgamento das vítimas de Hillsborough (1989), especialmente um dos acusados de responsabilidade, o chefe do policiamento do jogo. Com o andamento do julgamento, as imagens de TV mostram o réu a se manifestar na cidade de Preston. Na reportagem, famílias das vítimas dão seus depoimentos, a dramatização campeia. Causa espécie a repercussão e a importância dada ainda hoje para o caso, 30 anos depois.

08 de setembro de 2018
Cidade de Liverpool
Visita ao estádio do Anfield Road

A importância do estádio na cidade dos Beatles pode ser aferida pela existência de um ônibus turístico que a cada hora leva as pessoas do centro, mais especificamente do Pier Head, para o famoso espaço futebolístico, situado na periferia de Liverpool. Curioso, resolvo tomar o ônibus. O guia, muito bem-humorado, leva a mim e a mais três senhoras escocesas para o estádio. No percurso, dá várias informações sobre a urbe de Liverpool, sobre os prédios e "linka" o time homônimo com pontos urbanos importantes, como o hotel em que ficavam hospedados os jogadores na segunda

metade do século XX. Até mesmo duas águias no topo de um prédio – uma olhando para o rio, outra para a cidade – são motivo para seus comentários anedóticos.

Curiosidades da rivalidade do time do Liverpool com o Everton – rival local – são dadas, como hotéis frente a frente e mesmo estádios muito próximos. O clube azul anil do Everton é mais antigo que o alvirrubro e chegou a jogar em Anfield Road, propriedade do rival. O condutor mostra a casa onde mora, no bairro de Everton, e o ônibus para no ponto mais alto da cidade para sacarmos fotos. Mostra a direção de Wales (País de Gales) e da Irlanda. Chama-me a atenção que o guia comenta o setor do estádio atrás do gol, conhecido como *Spion Kop*.

Enquanto me lembro que lera isso em um livro, o condutor compartilha a anedota da origem de tal nome, da alusão a uma batalha na África do Sul no início do século XX, travada entre holandeses e britânicos, e da similitude que ensejou a analogia belicosa dos lendários hooligans e que depois se espalhou para várias arquibancadas da Inglaterra e do mundo. O guia lembra de jogadores e dirigentes do clube e enfatiza os jogadores escoceses no time. Billy Shanky tem uma estátua na entrada do clube. O *tour* é mais caro que em Manchester – 20 pounds – e tem um audioguia para cada edição

A visita me impressionou pelo luxo do estádio, ao menos a parte a que temos acesso, reinaugurada em 2016. Não há um guia fixo, mas instrutores posicionados a mostrar-nos o caminho, que começa na parte mais alta do estádio e vai descendo até o gramado. O conteúdo fica acessível pelo audioguia. Confesso que preferi assim, do que uma única pessoa entretendo o grupo com uma incansável quantidade de informações prontas e pasteurizadas. Creio que este tipo de visita merece um artigo, quem sabe um dia alinhavo algo.... Entrementes, também confesso que fiquei entediado com a previsibilidade do percurso e das coisas a ver: o vestiário; a sala de imprensa e de conferência; os corredores luxuosos; os banheiros – muito bem asseados por sinal – e a entrada em campo.

Como qualquer espaço da indústria do entretenimento, tudo é feito para o visitante sacar fotos.... Mas é oportuno observar que essa crítica não incomoda os que ali estão. Apenas as informações sobre as torcidas – o Kop – e suas imagens históricas despertaram maior interesse para mim. Com efeito, acelerei o passo e calculei o horário da volta no ônibus da periferia de Liverpool, às 13h35. O guia do *red bus*, ao

me ver novamente, e tão rapidamente, se surpreende. Era um dia de relento chuvoso – calça, meia e tênis estão embebidos da água suja e fria, aumentando o desconforto – e pouca gente fora de casa naquele domingo insosso... voltei sozinho naquela “nau” para turistas em que o gringo sou eu. Só ao final da jornada o guia subiu ao segundo andar do ônibus para puxar conversa.

Aproveitei para ver como reagia à pergunta pelos hooligans, já que o Liverpool estava na cena central dos dramas de Heysel e de Hillsborough. Quanto a este último, disse que não foi problema de hooliganismo, mas de erro da polícia que fechou os portões e alocou os torcedores do Liverpool numa área muito restrita. No *sightseeing*, Hillsborouh foi lembrada ao passarmos por um parque onde se concentram as manifestações públicas. Há uma espécie de memorial em homenagem às vítimas. O guia também disse que o tradicional local de manifestações em Liverpool, cidade com 500 mil habitantes, festejou um título do clube com mais de 1 milhão de pessoas nas ruas. Para além do pastiche turístico, o guia me surpreende positivamente durante a conversa, pois de fato conhecia de futebol para além de informações enciclopédicas.

Comenta ainda o quanto sua família é engajada e estima o quanto difícil é ter assento no *Kop*, cuja propriedade passa de geração a geração. Foi à Ucrânia na final da *Champions League*, em maio daquele ano de 2018. Apreciou a capital Kiev e disse que a ambiência com os torcedores do Real Madrid se passou num clima bem pacífico. Deu a entender que os hooligans não são mais problema na Inglaterra, à exceção de clubes como o Millwall. Os hooligans são problema na Polônia e no Leste da Europa de modo geral. Pontua que na Itália os ultras também são problemáticos, pois portam armas brancas como facas pequenas. De repente podem investir contra o adversário sem que se impeça o ato, pois estão à paisana, para despistar a polícia.

09 de setembro de 2018 **Cidade de Liverpool** **Estádio do Everton**

Redigo este relato já passada uma semana da visita ao Goodison Park, estádio do Everton, num domingo pela manhã. Por isto, algumas informações podem perder a riqueza vívida de alguns detalhes observados. Uma das coisas que mais me fiscou foi a comparação com o clube vizinho do Liverpool, que tem uma estrutura muito

mais turística e numerosa para a recepção dos visitantes. No site do Everton, indicavam-se tão somente três horários de visita aos domingos, no valor de 15 *pounds*. Sem embargo, ao chegar ao estádio, muito próximo do rival alvirrubro, um vazio no entorno e um silêncio tumular imperavam nas redondezas.

Após percorrer os arredores, fui perguntar numa loja de venda de roupas como aceder ao estádio. O recepcionista indicou-me uma entrada, circulei em torno de todo o perímetro murado do estádio e havia apenas duas entradas que pareciam ser de atendimento. Mas as duas estavam sem pessoas para receber forasteiros como eu. É possível que a visita tenha ocorrido e eu poderia ter insistido mais, contudo a diferença entre os clubes vicinais me pareceu clara para efeitos comparativos e observatórios. Tão perto, tão longe – expressão que deve ser a sina dos dois clubes

Todavia, a impressão externa era de um estádio igualmente vistoso e bem conservado. Nas suas adjacências, os muros da arena contam em fotos a cronologia do clube, suas datas, seus feitos e suas personagens. Para minha surpresa, um dos painéis informava a queda do clube para a segunda divisão. Pareceu-me uma informação inusual e destoante na tradição auto exaltadora dos clubes. Outro aspecto que percebi nesta incursão malograda, e que se percebe na cidade de modo geral, são os autocolantes dos torcedores organizados nas placas sinalizadoras ao redor da praça esportiva.

Os do Everton soaram-me mais ostensivos, alguns deles com mensagens provocativas aos rivais do Liverpool, outras saudosistas do passado com o estádio *old fashion* apinhado de fãs, outras ainda com slogans contra o fascismo (como em Cardiff, aliás, existiria uma conexão? Pois eram idênticos os adesivos, ao menos seu layout) e os que fazem alusão à briga, como a silhueta de um soco, ou a estilização de um punho cerrado. Verificam-se ademais muitos autocolantes de torcidas de outros clubes e países, como Rússia, Itália, entre outros que se deslocam à cidade inglesa para confrontos das competições europeias. Como não queria gastar mais dinheiro com o “tour” pago, e com receio de ver “mais do mesmo”, acabei por ir de volta para o centro de ônibus e aproveitei o deslocamento nas franjas da cidade para fazer a visita ao museu do Liverpool FC, que na véspera não assistira.

13 de setembro de 2018
Cidade de Manchester
Encontro com Geoff Pearson

Este foi meu segundo encontro com um especialista inglês, depois de John Williams. A expectativa era grande. Gostei muito do livro dele, uma inopinada descoberta durante a pesquisa, e era minha segunda ida a Manchester, exclusivamente para o encontro. Tinha ido uma vez, em um fim de semana, para conhecer o estonteante *Football Museum*. Desta feita era meio de semana e senti-me em outra cidade, em certo sentido, com sua rotina de trabalho. Imaginava que a universidade ficava no Centro, pois na primeira visita havia observado alguns prédios universitários. Acabei levando um tempo para achar o endereço, pois ficava em uma área da cidade que não tinha conhecido na visita inicial.

Aliás, valeu a pena o segundo périplo: a Oxford Road é um corredor de edificações acadêmicas, à esquerda e à direita. Geoff leciona na Escola de Direito, embora seu livro seja etnográfico, o que me pareceu assaz curioso e ao mesmo tempo um diferencial positivo importante. Qualquer eventual receio foi debelado ao longo da conversa. Desde a recepção, senti-me à vontade com o interlocutor, um pouco mais jovem do que eu, talvez à beira dos 40 anos.

Leccionou na Universidade de Liverpool, especificamente no *Football Industry*, e isso facilitou o desenvolvimento de nossa conversa. Antes disso, estudara em Lancashire e conhecia John Huchton, que disse ser casado com uma sérvia, o que limita sua presença na Inglaterra, talvez para justificar a ausência de resposta ou de interesse em me receber. Contou ter ido à Copa de 2014, ficou no Rio de Janeiro, em Copacabana, e relatou algumas dificuldades na condição de turista e de estrangeiro. O encontro em princípio era para ser um almoço. Mas o primeiro restaurante estava fechado e fomos a uma espécie de *pub*, onde eu pedi uma típica torta de carne com batata.

Como de praxe, antes de ser entrevistado, o informante quis primeiro saber o que eu fazia. Depois da minha preleção, começou a discorrer sobre como explicar o que aconteceu com os hooligans e diz que o período decisivo foi entre 1988 e 1994, quando uma unidade especial da polícia foi criada e começou a atuar de maneira mais focada. Diz que conseguiram identificar e isolar os grupos e componentes mais

violentos, ao que se somaram as transformações do futebol inglês, com a entrada da TV como patrocinadora.

Mencionei seu livro e algumas passagens, para mostrar que tinha lido e, mais importante, que de fato gostara muito da obra. De início, pediu uma cerveja e pareceu animado com o tema. Depois, pareceu preocupado com o horário, pois tinha reunião em seguida. Ficamos cerca de uma hora e meia no total. Voltamos para sua sala, autografou seu livro e imprimiu textos de sua autoria, como fizera John Williams (no caso, este me mandou por e-mail). Passou-me contatos, depois que perguntei pela FSF – Football Supporters Federation. Preveniu-me em tom jocoso que Rogan Taylor fala muito...

Disse ter dois orientandos que estudam o tema. Em sua opinião não concebe a ideia de migração de pertencimento clubístico para divisões inferiores, a fim de brigar. Lembrei do lendário hooligan midiático Cass Penaults e evidentemente evidenciou saber de quem se tratava. Perguntei sobre a tal *hooli-lit*, subgênero de literatura hooligan. Evoquei Nick Hornby, mas esqueci de perguntar sobre Bufford Bill. Deu a entender que seu novo projeto versa sobre policiamento em estádios e, quando cheguei em sua sala, mostrou-me uma carta de solicitação e de autorização junto à polícia, que estava em curso. Fiquei bastante satisfeito ao final. Para este relato, talvez tivesse informações mais frescas, mas acabei demorando para colocar as lembranças do encontro no papel.

16 de setembro de 2018
Cidade de Bristol
Bristol FC 1 – 0 Sheffield United.
Arena Ashton Gate

O estádio fica na parte sul da cidade. Minha chegada foi um tanto apressada, pois o trem parou na estação às 12h40 e havia marcado encontro com o historiador Matthew Brown às 14h15 em frente à bilheteria. Foi o tempo de deixar as malas no hotel e zarpar para o jogo. Assim como em Sheffield, Bristol tem dois times homônimos e rivais. Nenhum deles, pelo que entendi, jamais chegou à Premier League ou à 1^a divisão. O outro, que é o time da Glória Lanci, pesquisadora brasileira radicada em Bristol, está na terceira divisão. O dérbi são os vermelhos contra os azuis.

Interessante a recorrência da divisão geográfica e cromática dos clubes na cidade. Glória me incentivou a assistir a uma partida desse time, na parte norte da cidade, perto de onde ela mora. Estádio acanhado, outra ambiência, segundo ela bem mais cativante do que o Ashton Gate. Muitos palavrões durante a partida, segundo ela... Glória, que também veio assistir à partida, há quase dez anos mora em Bristol. Formada em urbanismo em São Paulo, tem um companheiro inglês que lá mora. O fato de ir com locais – Matthew foi acompanhado do filho mais velho, de 14 anos, aspirante a jogador de futebol – fez uma diferença considerável, em termos de dados e informações sobre a cidade e o futebol.

O estádio está novinho em folha. Chegando, tem-se a sensação de um estádio recém-inaugurado e até de proporções maiores do que efetivamente tem. Um show de rock na entrada dá a impressão de uma festa musical, como se fosse ao Rock in Rio. O “clima” é assaz tranquilo e familiar. Muitas pessoas comem nos quiosques de entrada, com filas relativamente pequenas, um ar de lojas de shopping center com tudo a funcionar. Há separação nos portais, com espaços exclusivos vips.

Dentro do estádio nos posicionamos bem perto do campo, numa tribuna central – até então apenas tinha frequentado as tribunas caseiras, mais baratas. O ingresso, comprado na véspera por Matthew, custou 40 *pounds*. Matthew ainda fez a gentileza de comprar o “programa do jogo”, vendido a cada partida, como em peça de teatro. Diria que é quase um livro, com folhas coloridas de qualidade, informações sobre o jogo e fotografias atraentes. Talvez o que tenha me chamado a atenção, na contracapa, é o “*cast*” do time, com a indicação da nacionalidade, via ícone da bandeira de cada país de proveniência dos futebolistas.

Havia muitos ingleses, alguns britânicos e europeus, e apenas um africano. Curioso que o filho de Matthew, torcedor do Arsenal, conhecia um dos jogadores, lateral-esquerdo do Bristol, que tem 17 anos e que saíra da mesma escolinha. Mais interessante que o jogo foi notar a torcida do Sheffield United, a mesma estudada pelo antropólogo Gary Armstrong em seu desconcertante livro *Football hooligans: knowing the score*. Segundo Matthew, é uma torcida popular e estava relativamente grande, cantando bastante ao longo da partida. Vi apenas uma pessoa na chegada com a camisa do Sheffield, andando tranquilamente.

A saída também pareceu escoar sem problemas. A entrada é ampla e fácil de adentrar. Os corredores são bem iluminados e limpos. No intervalo, como não tinha almoçado e estava com fome, fui procurar me alimentar. Após uma fila de tamanho médio, calma o suficiente em comparação ao Brasil, comi um pastel de carne com batata. No que se refere à participação da torcida, a que mais se destacou foi a do Bristol, que chega a lembrar, embora vagamente, o estilo *ultra*. Ficavam na linha do corner da tribuna, portavam bandeiras de tamanho pequeno e tinham um instrumento de percussão com que animavam e incentivavam o coro.

Na medida em que estava ali perto, pude acompanhar vários momentos, identifiquei quem puxava os gritos e como se espalhavam pelo estádio. Convém observar que a cada tiro de meta do goleiro adversário, gritavam uma ofensa para ele: algo como “merda” e “bunda”. A vibração final foi grande, com a vitória do time local. Na saída, fomos caminhar pela cidade, tomar *pint* e conhecer um “micro-pub”. Muito cordiais, Glória e Matthew contaram-me sobre a cidade portuária, sua história e um personagem colonizador chamado Brunnel, bastante conhecido e alvo de rechaços em tempos iconoclastas de estátuas e de desconstrução da mitologia colonial.

18 de setembro de 2018
Cidade de West Bromwich
West Bromwich 4 – 2 Bristol FC

Junto com a partida do Aston Villa, o jogo entre WAB e Bristol FC foi o que mais me impressionou em termos de calorosidade da torcida. Estádio relativamente pequeno, situado em cidade homônima a oeste dos Midlands, mas com uma atmosfera contagiante. Talvez tenha contribuído para isso o fato de o jogo ser à noite e no meio de semana, válido pela segundona de lá, a Championship. Outro fato que concorreu foi ser uma partida contra o Bristol, que vinha de vitória no campeonato. Talvez por isto a torcida compareceu em um número bem expressivo.

Por “sorte”, por assim dizer, fiquei quase na divisa das duas torcidas, que maravilhavam o setor. Pareceu-me curioso o procedimento da polícia, pois em geral se coloca o grupo visitante no setor contrário ao grupo organizado local. Fora do estádio já era possível ver o movimento dos torcedores do Bristol, enfileirados para a

compra de ingresso. Cheguei de *tramway* com certa facilidade, seguindo os torcedores do West que estavam trajados desde a estação central de Birmingham.

“Clima” do jogo também ameno. Como o Villa Park, trata-se de um estádio mais acanhado e, embora tenha uma boa estrutura, teria alguma cautela em dizer que é um estádio imune a problemas de superlotação. A entrada depende de acesso um a um, o que limita bastante a movimentação de grandes fluxos. Quando entrei, deu a impressão de que os lugares numerados não eram tão respeitados tampouco essa era uma questão importante. Havia *stwards*, mas que não pareciam tão interessados em instruir. Da mesma forma, os lugares sentados praticamente inexistiam naquela tribuna. O ambiente de expectativa na arquibancada era envolvente. Acima de mim, estava o grupo do W.A.B. responsável por animar os cânticos.

De todo modo, no início, tive a sensação de que a torcida do Bristol, presente em peso, cantava com mais poderio e gana. Bandeiras da Inglaterra desfraldadas sobre as cadeiras com a inscrição de Bristol FC podiam ser divisadas. Desta vez, pareceu-me que havia o maior número de policiais dentro do estádio que já pude observar na Inglaterra, postados na linha divisória das duas torcidas. Apesar do contingente, nada mais ostensivo ou raivoso de parte dos torcedores oponentes parece predispô-los ao confronto.

O jogo começa e dita o ritmo dos apoios. Ao meu lado, um grupo de jovens que pareciam se conhecer vai chegando e criando uma ambiência de camaradagem de quem tem tradição territorial demarcada. No primeiro tempo, o WAB, para surpresa da própria torcida local, o time da casa faz 3 gols, vencendo com certa facilidade. Isto desmotiva os torcedores do Bristol, cujo incentivo míngua à medida que os gols se sucedem. Os coros se intercalam e parecem obedecer à estrutura de emissão, recepção e interpelação. Mais que o dispositivo comunicacional, causa espécie o humor contido nos gritos coletivos, às vezes obscenos e sempre provocativos, o que gera risos dos presentes. Vai ao encontro da ideia bakhtiniana sugerida por Geoff Person em seu livro espetacular.

No final do primeiro tempo, em virtude do horário, com viagem bem cedo no dia seguinte, e receio de ausência de locomoção para o retorno ao bairro de Egdbaston, onde resido em Birmingham, acabo por achar que já tinha observado o suficiente e decido voltar para casa. Quando chego, vejo que o jogo terminou em 4 a 2 para

o WAB e me dá uma pontinha de vontade de ter ficado no estádio durante o segundo tempo. Ainda havia a partida do Liverpool contra o PSG pela *Champions League*, um jogão de 3 a 2 para os Reds. Prefiro, no entanto, ter testemunhado aqueles 45 minutos de jogo da segunda divisão inglesa...

19 de setembro de 2018
Neuchâtel – Suíça
Encontro com Thomas Busset

A chegada na Suíça foi tensa por conta do atraso no voo saído de Birmingham e do medo da perda da conexão em Paris. Mas nada como um dia após o outro: após dormir no hotel perto do aeroporto em Genebra, peguei o trem no dia seguinte para Neuchâtel. Em meio à expectativa do encontro no CIES – o Centro Internacional de Estudos do Esporte, financiado pela FIFA –, fiquei embevecido com a vista ferroviária ao longo da viagem de uma hora e meia entre as duas cidades. A paisagem é prenhe de casinhas, de montanhas e do campo cultivado, em meio ao dia ensolarado. Tudo concorreu positivamente, com a grata surpresa do encontro com o historiador suíço Busset, uma simpatia de pessoa, já mais velho e com traço humilde e cordato, interessado em trocar ideias com um “exótico” brasileiro.

O CIES fica bem perto da estação e é um antigo e charmoso hotel (Hotel du Peyrou), onde já se hospedara o filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau. O anfitrião apresentou-me um a um às pessoas do Centro, que já sabiam da visita de um certo pesquisador brasileiro. Rafael Poli, geógrafo do Observatório do Futebol e seus colaboradores; algumas moças – desde uma grega até uma húngara que joga capoeira – simpáticas e receptivas; o responsável pelas publicações da editora; e o diretor geral, que me cumprimentou, entabulou uma conversa relativamente formal e rápida. Havia um computador e uma sala para me acolher, além das prateleiras de uma ótima biblioteca para consular.

Com Busset, conversamos e almoçamos. Senti que tinha uma boa conversa e mostrou-se compreensivo e interessado em dialogar. Depois, voltamos ao CIES, continuei a consultar os livros. Não esperava, mas o pesquisador marcou de continuarmos a conversar à noite. Pegou-me no hotel de carro e me levou ao topo das montanhas suíças, mostrando-me uma paisagem deslumbrante e inesperada, com cabras

e vacas pastando ao som das badaladas dos sinos colados à gola. Busset mencionou celebridades que habitaram a região: o industrial Chevrolet, o arquiteto Le Corbusier e o poeta Blaise Cendrars.

O dia estava muito quente, quase de verão no Brasil, mas ao subir, a temperatura amenizou e cheguei a sentir frio. Depois voltamos e fomos jantar. Falei da ideia de um “Observatório do Torcedor”, mas deu a entender que já há uma rede neste sentido. A possibilidade de um seminário ficou em aberto, pois disse que iria fazer algum que realmente estivesse interessado, não “mais do mesmo”. No dia seguinte, sexta, encontrei João Frigério, que é brasileiro e representante dos ex-alunos do CIES-FIFA, radicado na Suíça, tendo feito o curso de mestrado da instituição em 2006.

29 de setembro de 2018
Cidade de Birmingham
Birmingham FC 2 – 2 Ipswich

Finalmente consegui assistir à partida do time local, o que esperava desde a chegada em B’ham. Desta feita, não achei o centro da cidade especialmente identificado com o dia do jogo. Mas havia algo diferente. Depois cheguei a entender que era o congresso do Partido Conservador inglês, com a presença da então primeira-ministra Thereza May. Desavisado, cheguei a atravessar o Centro de Convenções sem saber que era o local do encontro. Na Victoria Square, cruzo com protestos do Partido Socialista, a favor da Comunidade Europeia e dos imigrantes. Discursos são proferidos, mas também música. Depois de lanchar no Ikon Gallery, assisti um pouco à animada passeata, embalada por instrumentos musicais, o que mais se assemelhava a um desfile de bloco carnavalesco.

Enfim, a caminho do jogo, espero por longo tempo pelo ônibus avermelhado de número 60. É possível do centro da cidade avistar o St. Andrew’s Stadium, que fica meio que alinhado com a via férrea, mas este parece distante para ir a pé. Muita gente à espera e o trajeto com engarrafamento, ônibus cheio e calor são ingredientes de um cenário desagradável. Ao descer do ônibus, é fácil chegar no estádio, no rastro dos torcedores. A fila do ticket office está cheia, pois falta menos de meia hora para o início do jogo. Clima pacífico, com famílias a andar juntas para um passeio dominical.

Enquanto espero, espanta-me o certo silêncio que se faz. Praticamente não se ouvem os rumores de dentro do estádio, que não é especialmente grande, sem o tradicional burburinho reverberado para a parte externa do equipamento. Acabo por só conseguir entrar, após pagar 20 *pounds*, com 10 minutos de jogo já transcorridos. Sento-me em uma cadeira vacante, sem seguir o critério do assento numerado. Por sorte, fico em uma posição boa para me alocar: na altura do corner, onde está o grupo de torcedores que puxam os cânticos. Não são ‘organizados’ como aparentaram os do Bristol FC em West Bromwich, e um pouco menos numerosos que os mesmos seguidores do W.A.B.

Não há instrumentos musicais. Apenas um ou dois esmurraram uma placa metálica que dita o ritmo do grupo e que às vezes se propaga por todo o estádio. A torcida do Ipswich é que sobressai pelo número de componentes e pela mobilização, confirmando a observação de que os “*away matches*” favorecem a coesão e a animação. A quantidade também é digna de nota, porquanto aparenta ser o menor dos estádios que frequentei. Após tantas leituras na biblioteca sobre a fama histórica dos hooligans do Birmingham, indago a mim mesmo: onde estão os lendários Zulu Warriors?

De forma análoga à partida entre West Bromwich e Bristol, presencio muitas provocações musicais e gestuais entre os torcedores rivais. Fica a curiosidade: por que a polícia não aloca os visitantes longe da torcida da casa? Ou estes é que se postam ali estrategicamente? Entretanto a tribuna é descontínua e não há como se encontrarem, portanto, o número de policiais é bem menor do que vira em West Bromwich. O repertório é bem similar: músicas pop, Beatles e variações glosadas entre os torcedores, que adaptam as mesmas canções e se restringem às palmas e ao coro. O traço da informalidade das torcidas inglesas se confirma.

O Ipswich faz 2 a 0 no primeiro tempo. O nível técnico é sofrível. No segundo, o B’ham empata e a partida fica “quente”, emocionante, pela disputa nivelada, não pela qualidade. Muito interessante essa correlação entre a ‘temperatura’ do jogo e sua reverberação nas arquibancadas. No intervalo, música ambiente e atrações para entretenimento, bem à moda europeia. Três torcedores, rapazes, sentados na fileira superior à minha, falam seguidos palavrões. “Fuck” e “shit” são os mais frequentes. Nas trocas de acenos com os adversários, fazem um gesto com a mão a indicar “punheta” (*wanker*). É a grosseria e o baixo-calão que grassa das arquibancadas.

Isso enseja a remissão à ideia do estádio como “válvula de escape”, embora ultrapassada, mostra-se eloquente. O estereótipo dos ingleses diz que são contidos, mas no estádio se revelam mais espontâneos e extravagantes. Dito isso, reconheça-se que o comportamento no banheiro e nas filas de lanchonete é sempre respeitoso, se comparados a determinadas experiências no Brasil. Desta vez, apesar das tais “famílias”, vi alguns agrupamentos de jovens, com um estilo mais informal e mais próximo de um, vamos dizer, “lazer grupal juvenil”. Ao terminar o jogo, cansado, saio imediatamente. Confirmando o observado em outras partidas, a torcida visitante sai conjuntamente, misturada, e não percebi maior animosidade durante a saída.

30 de setembro de 2018 **Cidade de Belfast (I)**

De avião chego na capital da Irlanda do Norte, que tem 350 mil habitantes, sendo que o país conta com 1.6 milhões. Lembrei do livro de Eric Hobsbawm, “Nações e nacionalismo desde 1870”, resultado de conferências no Queen’s University, situada em Belfast. Aliás, muitas referências à Rainha Vitória em toda a capital, adornada com edificações imponentes. O aeroporto é modesto e o avião em que viemos, bem pequeno. Um rio divide a cidade, cuja narrativa gira em torno da construção do Titanic, o famoso navio naufragado em 1912, há um século.

Do lado do Museu Titanic, vê-se o horizonte, a amplitude do espaço aberto, das habitações não verticalizadas, especialmente bonito estava o dia. Em seguida, há o parque que dá acesso ao Parlamento. Este é absolutamente majestoso e embevedor. Uma esplanada verde muito chamativa, um alinhamento de jardins simétricos, bem como as ricas casas ao redor. Penso no teatrólogo irlandês em Samuel Beckett, originalmente de Dublin, mas que esteve no país rival e vizinho. Há todo um processo histórico da relação política norte-irlandesa com a Inglaterra, os momentos de vinculação e os outros de separação, e da clivagem entre protestantes e católicos.

Ao fazer um percurso de reconhecimento, verifico que existe toda uma parte da cidade, a oeste, que tem os muros pintados em alusão aos conflitos político-religiosos dos anos 1970. Muito bonitas as pinturas, chegam a lembrar o muralismo mexicano, e como tudo é apropriado pelo turismo. Observo também um presídio

para visitação pública. Identifico um pequeno estádio e uma arena para partidas de hóquei no gelo. Além do rúgbi, trata-se de esporte deveras importante.

O taxista, que se queixa dos imigrantes egípcios, sujos a seu juízo, diz que a Irlanda do Norte disputou três Copas do Mundo na história: 1958, 1982 e 1986. O estádio nacional, que pretendo visitar, à distância tem aparência de “arena moderna”. No centro da cidade, tem um prédio incendiado. Uma observação inusitada foi ver, ainda na parte oeste da cidade, onde há os murais e o muro da paz, sedes de associações de torcedores do clube escocês do Rangers, de Glasgow. Pareceu-me uma clara alusão ao caráter protestante do clube e ao fato de o Celtic, rival escocês, ser associado aos católicos e a Dublin.

01 de outubro de 2018

Cidade de Belfast (II)

Após uma volta pelas redondezas, faço caminhada de reconhecimento pela parte central da cidade. Leo em compêndios a questão identitária do ser irlandês, e dentro disso a unidade interna da Irlanda dividida em dois países, e a do ser britânico, alvo de dúvidas e de disputas. A questão religiosa também é muito destacada. Dou um giro por pontos importantes, a começar pela praça principal e pelo ponto principal da urbe. Pela leitura das placas de orientação, considero ter feito um “tour” político também. Passo por ruas comerciais e encontro um tal Museu do Whisky.

Há fábricas com mulheres trabalhadoras; existem *colleges* e universidades, com ruas para beber e estátuas. Cansado da caminhada, decido terminar em frente ao rio que divide a cidade. Dentro do City Hall, encontrei alusão a Seamus Heaney, prêmio Nobel em 1995 e que viveu quinze anos em Belfast, entre 1957 e 1972, primeiro como aluno do Queen's University, depois como professor, autor de “Eleven poems”. Os ônibus circulares locais são limpos e têm cores padronizadas em rosa e roxo.

02 de outubro de 2018

Cidade de Belfast (III)

Estádio do Windsor Park.

Organizei a minha terça-feira para ir ao Estádio Nacional, localizado no sul da cidade, no Windsor Park. Descobri que havia a possibilidade de visitá-lo pelo anúncio de um

folder local. Pela manhã, fiz o *tour* pelo City Hall de Belfast, com duração de 45 minutos, seguido do Ulster Museum, de História Natural, e o de Arte Contemporânea. O City Hall consiste em uma visita mais pontual e de cunho oficial, pois exibe o poder político, suas dependências, a história da construção do prédio, o Parlamento, as vestes dos políticos, entre outras curiosidades de gabinete.

Em seguida, peguei as instruções para chegar no estádio. Tomei o ônibus 92. A maioria dos equipamentos esportivos é difícil de chegar na Europa, pois costumam ser afastados do centro. Este caso também se confirmou, mas não foi dos mais difíceis, após alguma caminhada e certa indecisão se conseguiria afinal atingir meu destino. Todavia minha surpresa se revelou ao alcançar o estádio.

Na recepção, sou informado inicialmente da não ocorrência do *tour* naquele dia. Como funciona por reserva no site, não tinha havido compra, logo não estava programada visita. Em meu ledo engano, criei que bastava chegar lá para fazer a visita. Depois de algumas tentativas, resigno-me com a informação e dou meia-volta volver. Entrementes, instantes depois, um dos atendentes vai à minha procura e informa que atenderão meu pedido, em meia-hora. Comemoro, pois minha ida não fora em vão... depois de aguardar os trinta minutos acordados, subo o elevador e sou recebido por um simpático guia, um senhor que faz trabalho voluntário, sendo o guardião da memória do Museu futebolístico.

O atendente cobra um valor inferior (6 libras) ao devido (8.75 pounds). Conversamos um pouco, evidentemente que a nacionalidade brasileira gera reações imediatas e empáticas, que serão acionadas ao longo do “*tour*”. Um grupo, de 15 pessoas, que estava reunido no estádio, chega para a visita. São de várias nacionalidades, dentre ingleses e indianos. Há mulheres no grupo também. O senhor é acolhedor, mas percebo que o grupo acha certa graça em seu estilo folclórico. Percorremos os corredores exibitórios do museu, que não é chamado dessa forma, e depois visitamos o estádio e o campo.

Bill Murray, se não estou enganado, é o nome do anfitrião. Conta a história do futebol norte-irlandês, a criação da I.F.A., a quarta associação mais antiga do mundo, fala com humor da pequena relevância do futebol em termos de feitos internacionais, tendo disputado três Copas do Mundo em sua história: 1958, 1982 e 1986. Ri

da própria ‘desgraça’ ao lembrar que a Seleção ficou 16 jogos sem vencer e outros tantos sem marcar gols.

O museu é modesto, mas bem-feito e organizado, segundo os padrões narrativos e expográficos esperados. Um vídeo interessante é exibido. O estádio é novo e trabalhadores fazem reparos pontuais. A capacidade é de 18 mil torcedores e o guia fala com entusiasmo de futebolistas e de partidas a que assistiu ali, quando o número de espectadores era bem maior. Lembra de jogos e de situações memoráveis. O *tour* segue o *script* padrão do gênero, embora o luxo das dependências seja consideravelmente inferior ao standard dos grandes clubes ingleses.

**04 a 06 de outubro de 2018.
Cidade de Dublin, capital da Irlanda**

Viajo à capital irlandesa, com vistas a encontros acadêmicos com Mike Cronin e com Zhouxiang Lu. De Belfast a Dublin, opto pelo trajeto de trem, cruzando as estações de Portland – Newry – Dundalk – Drogdeha – Dublin Connolly. Visito o Tallgath Stadium, onde duelam Shamrock Rovers versus Cork. Outra arena a visitar é o Aviva Stadium, cuja atração é o rugby, com a disputa entre Munster X Leinster. Como não consigo ingressos, permaneço nos arredores, acompanhando o burburinho do acesso dos torcedores de ambas as agremiações.

**27 de outubro de 2018
Cidade de Brighton
Brighton FC 1 x 0 Wolverhampton**

Já no fim de minha estada, à guisa de despedida, viajo ao sul inglês para assistir a uma partida na cidade portuária de Brighton. Desloco-me até o Falmer Stadium. O nome da estação de trem é homônimo ao do bairro, Falmer. Disponho-me a pagar 96 libras, pois os ingressos estavam esgotados e, segundo regra da Premier League, eu tinha de ter cadastro prévio. Fico assim num setor Lounge. O estádio está cheio e identifico uma associação torcedora progressista, vinculada por sua vez a uma cidade identificada com bandeiras da diversidade LGBTQUIA+, por meio de uma faixa

com a inscrição: “Football vs Homophobia”. São ao todo 31 mil pagantes em um final de domingo ensolarado.

A torcida visitante do Wolves faz-se presente em número expressivo e mostra-se muito animada com seu coro coletivo. Encontrara torcedores forasteiros pela manhã, a caminho do estádio, na região central da cidade. O clima do jogo dentro e fora do estádio é ameno. A temperatura por sua vez é fria, enquanto o jogo é disputado, e termina 1 a 0 para os locais. Bandeiras multicoloridas dependuradas atrás das arquibancadas; músicas cantadas e cadenciadas com recorrência. O repertório alterna algumas canções europeias consagradas no universo torcedor, ao passo que outras mobilizadas são characteristicamente inglesas, tendendo ao *pop*.

* * *

Recebido em: 19 ago. 2024.
Aprovado em: 03 jun. 2025.